O romance como documento social: o caso de *Mayombe*

Carlos Serrano*

* Professor do Departamento de Antropologia e da área de ECLLP da USP; Vice-Diretor do Centro de Estudos Africanos da USP.

Nota Introdutória

O romance de Pepetela é aqui tomado como um documento social pois, apesar de ficção, ele é escrito no momento de vivência do autor, onde o escritor, o militante e o cientista social, se relacionam intimamente para, através desta obra, captarem, uma realidade que faria parte de uma "história imediata".[1]

Este "olhar de dentro" ou "observação participante", procedimento metodológico tão caro a uma antropologia, podem constituir de certa forma a estratégia vivenciada pelo autor para explicitar os diversos discursos dos "narradores" (personagens) e atores sociais, tornando-os sujeitos da história e revelando a consciência de si na luta de libertação nacional.

Pepetela, ao dar primazia ao "narrador", revela ainda esta dimensão da oralidade, comum às sociedades africanas, e importante no resgate das suas identidades. Identidade que se constrói pela memória dos narradores fictícios (personagens e/ou atores e pelo próprio autor).

Convém referir aqui o romance *Mayombe*, do autor angolano Pepetela, como um modelo de análise da organização do Combate, que retrata a luta por meio de personagens que vivem a problemática dos valores e contradições do momento político em questão. Sendo narrado por diversos militantes, temos deste modo visões múltiplas e pessoais do tempo e do espaço por aquelas vivenciados. Este ro-

[1] A passagem que transcrevemos abaixo sobre o romance *Mayombe*, de Pepetela, faz parte de um capítulo (**Mobilização e Recrutamento**) de nossa tese de Doutoramento em Antropologia Social ***"Angola uma Nação –*** um estudo sobre a identidade nacional***"***.

mance parece-nos altamente pedagógico pela forma com que nele se explicitam as contradições existentes dentro desse processo, relacionadas sobretudo à diversidade cultural e étnica dos elementos que compunham o Exército de Liberação Nacional. É narrado por uma multiplicidade de pessoas, todas militantes do MPLA, que participaram da guerrilha em Mayombe, floresta tropical em Cabinda, constituindo a 2ª Região político-militar do MPLA. O partido está ausente mas ele se faz presente mediante a fala do delegado local. Os personagens que assumem a narrativa do romance fazem-no sempre na primeira pessoa. Cada personagem desenvolve uma reflexão autônoma a respeito das suas motivações enquanto lutadores pela independência, motivações estas que são singulares na medida em que as origens de cada indivíduo se tornam e se apresentam diferentes.

As relações das pessoas dentro da organização ou são explicitadas através de atributos somáticos (isto é, as relações entre brancos e negros, negros e mestiços e a relação totalizadora de negros, mestiços e brancos), ou então, num outro plano, por meio das relações interétnicas (através dos grupos locais, da região, da língua e até mesmo da religião). Também o grau de instrução e o lugar ocupado na hierarquia explicitam relações específicas entre as pessoas.

Num outro plano, ainda atual, as relações afetivas que podem ser explicitadas por intermédio das formas iniciáticas: iniciação ao combate, iniciação ao amor e iniciação ao saber. Estas últimas podem assumir então formas ou relações de dominação conforme o acesso que a elas se tenha. No tocante às relações afetivas, podemos ainda tê-las explicitadas nas relações físicas, dentro de uma primeira categoria (homem-mulher), em que se confrontam, sejam os valores culturais da tradição africana, seja, por outro lado, com o liberalismo europeu. Nas relações afetivas podemos ainda apreender problemas de companheirismo, de solidariedade ou de conflitos e rivalidades individuais.

Finalmente, no plano político, temos motivações peculiares que fazem desses angolanos pessoas entre si diferentes, e que conduzem a graus variados de consciência em relação à situação de colonizados e, consequentemente, a respeito da luta que conduza à ruptura dessa situação. Essas motivações podem ser afetivas (no plano familiar) ou podem ainda estar relacionadas com o próprio saber, com o conhecimento.

As motivações podem ser igualmente encontradas na recusa à colonização, no protesto efetivado pelos expulsos da terra e na organização do combate, ou seja, nas relações internas do combate explicitadas pela fragmentação da guerrilha muitas vezes em grupos de interesses próprios, que podem ter interesses subjacentes de ordem étnica. Também no afrontamento ideológico dentro das próprias motivações de cada um dos indivíduos pode estar presente um certo messianismo, próprio aos grupos que compõem o aparelho do partido, evidencia-

do nas relações entre os combatentes. As diferentes formas de ver o outro ou de se ver a si mesmo e de tomar consciência da própria luta em relação aos demais grupos que compõem (dentro dessa dualidade já referida da cidade e do campo), são vivenciados pelos guerrilheiros no momento da mobilização nacional. É nesse momento que se procura transpor esses obstáculos a fim de se obter uma união que leve à luta maior de libertação do todo, momento em que um sentimento nacionalista os motiva ao combate frente a um inimigo comum.

Parece-nos que *Mayombe*, romance que se passa em Cabinda, uma das primeiras regiões de Angola onde se desencadeou a luta armada de uma forma estruturada dirigida pelo MPLA, constitui um exemplo, segundo até mesmo as palavras empregadas muitas vezes pelas lideranças angolanas, do primeiro "laboratório" onde se forjaram as formas de luta e também os primeiros processos de conscientização dos guerrilheiros com as populações locais. Essas foram experiências que serviram para transformar a qualidade de mobilização de luta, sobretudo na Frente Leste, onde não só o espaço ocupado pela guerrilha era bem maior, mas onde se fizeram necessários processos de mobilização mais intensos, utilizando formas as mais adequadas, nas quais as experiências negativas anteriores tiveram que ser eliminadas definitivamente.

ANEXO

Entrevista com Pepetela (1985): recolhida por Carlos Serrano

Pergunta: – Há alguma identificação pessoal com alguma personagem ou estás te fragmentando nas diversas personagens de *Mayombe*?

Resposta: – Sim, posso dizer que me estou fragmentando. Fragmentado, digamos, compreendendo melhor algumas personagens.

Claro, o "Sem Medo" tem algumas idéias que são minhas, mas de caráter político. Outra personagem que é importante é o "Teoria". Não me identifico. Aí não sou eu. Mas compreendia perfeitamente. É o problema do mestiço, que me interessou e que eu pretendi escrever como problemática.

O "Mwatiânwa" também tem muito de mim, no aspecto da preocupação com a unidade nacional, e mais do que isso até, dá uma idéia internacional.

Há sim. Em algumas personagens há algumas preocupações e idéias que eu tenho. Mas realmente não há nenhuma personagem que seja eu. Aliás, não há nenhuma personagem que seja real.

Todos eles são ficção, ou utilizando por vezes um ou outro dado de uma pessoa existente ali ou fora do contexto que eu conheci, numa versão.

Pergunta: – Serviu-te, enquanto escreveste este romance, a tua formação não só como militante e revolucionário, mas também a tua formação acadêmica como sociólogo?

Resposta: – Eu creio que sim. Creio que isso é importante. Digamos que são duas formações que se completam.

Há uma certa preocupação, por exemplo, em análise social, é evidente. Sobretudo a análise do fenômeno do tribalismo, no plano social, o que é importante. É o que de uma forma empírica, portanto, eu estudava naquele momento.

É claro que isso vai aparecer no livro que eu estava a escrever naquele momento. É evidente que eu estava minimamente apetrechado para fazer a análise.

A minha formação serviu para levantar problemas. Uma pessoa que não tivesse essa formação talvez não se preocupasse com tal e tal problema e adentrar, ir mais fundo, etc.

Há uma coisa que é característica, eu penso, da Escola Sociológica francesa, que aparece lá, que é a preocupação com o relativismo.

E isso é declaradamente influência de meus estudos que temperaram bastante a possibilidade do dogmatismo que a aplicação do marxismo podia ter no final.

Pergunta: – Por que então escolheste a ficção quando poderias ter elaborado uma análise sociológica do tipo acadêmico? Foi tua posição como escritor ou a forma que encontraste de melhor objetivares os problemas?

Resposta: – É porque realmente eu sou um ficcionista, não tinha nenhum objetivo. Eu escrevi não para publicar. Escrevi porque tinha necessidade de escrever. Estava em cima de uma realidade que quase exigia que eu escrevesse. Escrevendo eu compreendia melhor essa realidade; escrevendo eu atuaria também melhor sobre a própria realidade. Não quanto à obra escrita, mas pela minha atuação militante para melhor compreensão dos fenômenos que se passaram. Mas escrevia também para compreender melhor esses fenômenos. Claro que podia fazê-lo com um ensaio acadêmico, não era essa a minha intenção. Eu vejo a coisa como ficcionista.

Não houve portanto nenhum objeto pré-determinado para eu poder escrever sem saber o que ia escrever.

Talvez a melhor medida que permitia ver como ia acabar.

As personagens foram aparecendo, a ação foi-se desenrolando, logicamente, dentro daqueles parâmetros duma situação que existia.

Cenas imaginárias, uma ou outra pode não ser, uma ou outra não é. Mas de um modo geral é imaginário. É imaginário, mas foi a própria

dinâmica das personagens que se foi impondo e deu naquilo. Portanto, não houve nenhuma objetivo.

Na época não tinha publicado nada, só alguns contos de juventude, mais nada...

Intervenção: – Desculpa, então *Mayombe* antecede as *Aventuras de Ngunga*?

Resposta: – Sim, antecede. Escrito em Cabinda em 71. Pensado em 70 mas escrito em 71. *Ngunda* foi escrito em 1972 na Frente Leste. Da mesma maneira, *Ngunda* também tem este tipo de preocupações. Mas tinha outro objetivo, já era para ser publicado. Não como livro, mas como folhas, na escola. Aí talvez se veja melhor, já há uma preocupação didática.

A questão da linguagem já é muito mais cuidada para ser entendida por crianças.

Os temas tratados mais resumidamente. Mais ou menos todos os capítulos ficaram com o mesmo tamanho, até. Havia uma preocupação didática, podiam ser distribuídos.

Aí sim já havia outro objetivo. Aí foi escolhida a ficção por ter maior impacto, as idéias passavam, as crianças e os guerrilheiros também podiam ler, intessar-se-iam porque era uma obra de ficção, complementava, digamos, o texto político que estavam acostumados a ler.

Agora o *Mayombe* não tem essa preocupação.

Pergunta: – Mas o material recolhido em "Mayombe" serviu-te, até certo ponto, também para o "Ngunga"?

Resposta: – Sim também. Sobre alguns fenômenos que eram mais ou menos comuns. Agora, realmente essa questão de que a mesma coisa poderia ser feita como ensaio acadêmico, essa é uma questão importante. Mas eu me sinto muito mais à vontade fazendo ficção. já fiz alguns textos, ensaios, poucos. Mas onde estou mesmo à vontade é na ficção. É essa mesmo a minha vocação.

Pergunta: Uma outra questão é a de tu retomares literalmente o "antigamente" sobre a época do colonialismo. Não te parece que é alguma coisa intrínseca de ti mesmo de fazer uma revisão do teu passado, dos meandros que tinhas com esse momento histórico? Reviver para que te possa servir e reavaliar-te como militante, enfim tomar consciência de ti mesmo neste processo? (Referência a *Yaka*).

Resposta: – É um pouco isso, embora o próprio livro pudesse ser mais rico nesse aperto. Eu me preocupo muito nesse livro com a possibilidade de alguém vindo da sociedade colonial dar o "salto". Aparece uma personagem que dá o "salto" e que depois luta contra os sulafricanos, até. Mas não me demoro muito a estudar os fatores que criam esta mudança,

esta opção. E, neste aspecto, até podiam ser muitos, não o sendo neste livro.

Há qualquer coisa como uma tentativa de ver pessoalmente. Um "pessoal" que é circunscrito a um grupo. Uma pessoa, mas como outras pessoas que vêm da Resistência colonial e que a um momento dado tomam o partido nacionalista. Existe este aspecto.

A preocupação principal era a seguinte, e que portanto tem importância talvez para o futuro, é que me parece, exceto Castro Soromenho, não há ainda na ficção uma análise da sociedade colonial.

Ora, há muita coisa de Angola de hoje e de Angola de amanhã que encontram explicação nessa sociedade. Porque apesar da luta de libertação, apesar da Independência, etc., muita coisa ficou fundamentalmente em termos do que se pode chamar muito genericamente de cultura, incluindo comportamentos sociais, preconceitos, etc. Há uma série de reações que tiveram que são explicadas pela história colonial. Há trajetórias individuais de pessoas que só podem ser explicadas pela educação que receberam em determinado meio. Depois houve a ruptura. A Independência é uma ruptura, um trauma de que se recuperam numa nova sociedade, mas com muita coisa que vem de trás.

Pergunta: – Seria uma "crise de identidade"?

Resposta: – Uma "crise de identidade", exato, onde as pessoas recuperam-se, mas cada vez mais buscando socorro às ordens da sociedade anterior, e fazendo até comparações com a atual, etc. O que se pode chamar de "saudosismo colonial". Há uma série de situações deste gênero com pessoas ou personagens de todas as raças, e isso é que é importante. Porque se só fosse circunscrito à raça branca, seria um dado menor. Mas não, são de todas as raças que a um dado momento estavam a "cavalo" entre dois mundos, entre duas culturas, mesmo as populações negras que estavam urbanizadas e que sofreram esta influência preponderante. Claro, este romance não diz isso, pára na altura da Independência. Mas é uma tentativa de mostrar: era assim. Havia pessoas que reagiam assim e daí facilmente se pode perceber que hoje pessoas que reagem desta maneira ou daquela, grupos sociais que reagem assim, ou assim encontram facilmente um paralelo com o que era antes.

Outro objetivo é que daqui a uns tempos não haverá pessoas que tenham vivido a situação colonial por "dentro". E toda a nova geração deverá ouvir falar, apenas. Há de haver textos de história sobre o que era o colonialismo, o que era a mentalidade do colono, etc., mas forçosamente texto de história, é uma coisa fria... e as pessoas acabam por

imaginar o que seria, mas não compreender profundamente, e aí é o papel do romance, fundamental, para a nova geração conseguir "viver" um pouco o que era a vida antes. Aí há também uma preocupação de registrar para a história.

E há pouca gente que escreve, que tenha tido essa vivência. E aí eu pensei, eu tenho essa vivência da sociedade colonial, eu tenho a vivência dos que se opuseram à sociedade colonial, eu sou um dos raros cinco, seis ou dez que possam fazer isso. Eram esses os meus objetivos.

Enfim, é um voltar atrás mas com os olhos pelo menos no presente...